



# Correio Internacional



PUBLICAÇÃO DA LIGA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES – QUARTA INTERNACIONAL (LIT-QI) – WWW.LITCI.ORG



## FORA BUSH DA AMÉRICA LATINA!

De 1º a 5 de novembro, acontece em Mar del Plata, Argentina, a Cúpula das Américas, com a presença dos presidentes dos países do continente. Entre eles, George W. Bush. O discurso oficial diz que a reunião é para “ver os caminhos para diminuir a pobreza e a injustiça social”. Mas, de fato, o chefe do imperialismo vem “passar em revista” seus “subalternos”. Em repúdio à “visita” já estão sendo programadas várias atividades na cidade, como a Cúpula dos Povos, e foram convocadas uma mobilização e uma paralisação pela CTA (Central de Trabalhadores Argentinos) para o dia 4 de novembro. A LIT-QI (Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional) chama a participação nessas atividades e na mobilização do dia 4 em repúdio à vinda de Bush à América Latina

Bush e o imperialismo conquistaram um profundo ódio dos trabalhadores e povos latino-americanos, que vêem neles os responsáveis pelo saque das riquezas, pela pobreza e miséria decorrentes e pela repressão que sofrem quando lutam contra esse estado de coisas.

São vários os caminhos que o imperialismo utiliza para saquear as riquezas do continente:

\* Os pagamentos da dívida externa – grandes quantidades de dinheiro são destinadas a isso. Em muitos casos, os pagamentos são garantidos pelas leis do orçamento nacional (como na Argentina e no Brasil, que fixam porcentagens do PIB para esses pagamentos) ou por leis que asseguram uma parte importante dos ingressos das exportações (por exemplo, de petróleo no Equador). Tudo isso, controlado por “missões” e escritórios permanentes do FMI, verdadeiro “quarto poder” em todos os países latino-americanos. Na verdade, são eles que tomam as decisões econômicas em nossos países.

\* Os lucros extraídos diretamente pelas empresas e bancos imperialistas, que, nos últimos anos, em meio a um período de expansão econômica, alcançaram recordes. A maioria desses lucros não são reinvestidos na América Latina, mas repassados para as ma-

trizes nos países imperialistas.

\* O saque de matérias primas e recursos naturais cresceu nos últimos anos. Por um lado, com a superexploração da terra pelo agronegócio, com cultivos como a soja, destinados ao mercado mundial. Por outro, dos minerais, petróleo e gás. Para legalizar esse saque, fazem acordos que “liberalizam” o comércio no continente (como a Alca e os TLCs) e planos de desenvolvimento infra-estrutural (Plano Puebla Panamá e a Iniciativa para a Integração Regional Sul-americana) como um corredor de recursos cujo destino final é o sul dos EUA.

Assim, o imperialismo leva as riquezas necessárias para aumentar os salários, manter e melhorar os serviços públicos, para fazer investimentos para modernizar os países. Por isso, inclusive os países mais desenvolvidos do continente, como Brasil, México e Argentina, têm altíssimas taxas de pobreza, miséria e desemprego.

### A BATALHA DOS HIDROCARBONETOS

No tema dos recursos naturais, a questão do petróleo e do gás é central. O imperialismo quer ter o controle absoluto da exportação dos hidrocarbonetos (derivados de gás e petróleo). Para os EUA, é um problema estratégico e de extrema urgência, porque sua economia tem uma

profunda dependência da importação (60% dos hidrocarbonetos que consome). Em poucos anos, os EUA ficarão sem reservas de petróleo e todos os analistas consideram que a manutenção de seu nível de consumo atual os levará a uma crise de abastecimento.

Por isso, precisam garantir o abastecimento e usam seus métodos imperialistas de domínio colonial. Isso explica a invasão do Iraque e a sua política para a América Latina, que considera seu “quintal” e que lhe fornece 24% dos hidrocarbonetos que consome. Essa é a razão das privatizações de petroleiras estatais (como a YPF na Argentina) o fim do monopólio de outras empresas estatais (como a Petrobras, e a PDVSA venezuelana) e a entrega de áreas inteiras, com suas reservas, a multinacionais.

Mas os povos latino-americanos não estão passivos, e lutam a cada dia. Os processos revolucionários protagonizados pelos trabalhadores bolivianos, que derrubaram os governos de Sánchez de Lozada e Carlos Mesa, exigindo a nacionalização sem indenização dos hidrocarbonetos; a greve dos moradores e trabalhadores petroleiros de Sucumbios e Orellana (na Amazônia equatoriana) contra a Occidental Petroleum; a luta dos desempregados e trabalhadores petroleiros argentinos

contra a Repsol e suas contratistas (recentemente ocorreu uma grande greve por aumento salarial na Patagônia) e a permanente exigência da recuperação da YPF estatal; no Brasil, a luta contra a entrega de áreas de exploração de petróleo as multinacionais e a exigência de retorno do monopólio estatal de exploração do petróleo.

Essas lutas fazem parte de uma verdadeira “guerra dos hidrocarbonetos” que se dá em todo o continente contra o imperialismo e as burguesias nacionais. Uma parte dessa guerra foi a jornada continental pela nacionalização sem indenização dos hidrocarbonetos realizada em 17 de outubro.

### PELA SEGUNDA INDEPENDÊNCIA DA AMÉRICA LATINA

Os trabalhadores e os povos latino-americanos mostraram, em sua história e sobretudo nos últimos anos, que não estão dispostos a aceitar passivamente um destino de escravos ou vassalos coloniais. Isso se vê nas lutas operárias e populares que agitam o continente, particularmente nos processos revolucionários que derrubaram presidentes (Bolívia, Equador e Argentina) e na derrota do golpe pró-imperialista na Venezuela.

Apesar da disposição e capacidade de luta das massas, esses processos não conseguiram

reverter o domínio quase colonial que o imperialismo exerce sobre a América Latina. Seja por meio de eleições fraudulentas ou de “sucessões institucionais”, a “democracia colonial” conseguiu impor novos governos fantoches e manter esse domínio.

Contra os “cantos de seireia” das burguesias nacionais, que dizem que com “boas relações” com o imperialismo se pode reduzir a pobreza e, infelizmente, da maioria da esquerda, que chama a confiar nessa “democracia colonial”, a LIT-QI chama a romper esse dique de contenção.

É preciso unir as lutas em uma grande mobilização continental contra o imperialismo. Os atos em vários países pela nacionalização sem indenização dos hidrocarbonetos são uma pequena, mas valiosa experiência. As burguesias nacionais apenas se submetem ao comando do imperialismo. Só se poderá alcançar a segunda independência da América Latina expulsando definitivamente o imperialismo, se a luta dos trabalhadores e dos povos avançar rumo a uma revolução operária e socialista continental. É um bom momento para redobrar a luta, pois o imperialismo está se enfraquecendo diante da heroica resistência do povo e também começa a ter problemas sérios “em casa”.

## OS “VICE-REIS”

O imperialismo não é o único responsável pela situação dos países latino-americanos. Sua dominação é exercida por meio dos governos nacionais que atuam como verdadeiros “vice-reis” do império. São esses governos que garantem o pagamento da dívida externa e se submetem aos planos do FMI; que privatizam as estatais e entregam os recursos naturais; que atacam o salário e os direitos trabalhistas, reprimem as lutas operárias e populares e criminalizam os movimentos sociais. A imensa maioria dos países latino-americanos têm hoje regimes e governos de “democracia colonial” destinados a perpetuar essa situação.

Vários desses governos, como Menem e De la Rúa na Argentina, FHC no Brasil, Lozada na Bolívia ou Battlle no Uruguai não escondem sua velha estirpe patronal nem seu caráter pró-imperialista. Por isso, foram varridos pelos trabalhadores e o povo, nas eleições ou nas ruas, sendo subs-

tituídos por dirigentes e partidos com um passado de luta (como Gutiérrez no Equador, Lula no Brasil ou Tabaré e os tupamaros no Uruguai). Mas as expectativas de mudança logo foram frustradas. Os novos governos são tão ou mais entreguistas que os anteriores. Seus líderes e partidos colocam todo o prestígio que gozavam junto às massas a serviço dessa tarefa. Muitas vezes, tornam-se pró-imperialistas mesmo antes de chegar ao governo, como Evo Morales, candidato presidencial do MAS boliviano, que disse que vai respeitar os contratos de entrega do gás e que assinará o Tratado de Livre Comércio andino com os EUA, caso seja eleito.

Assim, os presidentes e os partidos mudam, pela via eleitoral ou derrubados pela luta popular, mas os seus sucessores parecem “clones” dos anteriores. Em matéria de entrega ao imperialismo, são basicamente iguais aos antigos “vice-reis” e



Lula e Álvaro Uribe, presidente da Colômbia: fiéis escudeiros

“administradores coloniais”.

O pior exemplo disso é que vários presidentes (Lula, Kirchner e Tabaré) agem como um braço armado auxiliar do imperialismo, enviando tropas para ocupar o Haiti. Nesse país, um contingente de 1.200 soldados brasileiros comanda um exército disfarçado de “tropas de paz da ONU” junto com soldados argentinos e uruguaios. Como qualquer exército de ocupa-

ção, essas tropas reprimem e violam os direitos humanos do povo haitiano. Temos que exigir sua retirada imediata!

Não se pode lutar contra o imperialismo sem lutar, ao mesmo tempo, contra seus agentes no continente: os governos da democracia colonial e as burguesias nacionais. A luta contra Bush é também a luta contra Lula, Kirchner, Tabaré, Rodríguez, Uribe, Palacio, Lagos, Toledo...

## AS BASES MILITARES



Bush e o imperialismo sabem que a luta dos povos latino-americanos rompeu, muitas vezes, os diques de contenção, derrubou governos e que, seguramente, crescerá no futuro. Por isso, sua primeira resposta foi fazer com que os governos locais aumentassem a repressão institucional das lutas e a criminalização dos protestos sociais. Foi assim em 2001, com Mahuad no Equador e De la Rúa na Argentina, e em 2003, com Lozada na Bolívia. Por isso, na Argentina e na Bolívia tantos morreram.

Mas, essa política imperialista está sendo, até agora, derrotada pela luta das massas latino-americanas. Longe de

obter o fortalecimento das instituições e governos, as massas seguiram derrubando uma lista cada vez maior de presidentes ou derrotando golpes, como na Venezuela em 2002.

Enquanto manobram em meio às lutas populares, Bush e o imperialismo se preparam para enfrentamentos mais duros. Uma parte desse projeto é a instalação de bases militares americanas em vários países e a realização de exercícios militares com tropas latino-americanas. Algumas dessas bases são Três Esquinas, Larándia e Leguizamo (Colômbia), Manta (Equador), Iquitos e Nanay (Peru), Soto Cano (Honduras), Comolapa (El Salvador), Canal de Panamá, Vieques (Puerto Rico), Reina Beatriz (Aruba), Guantánamo (Cuba) e a que o imperialismo britânico mantém nas Malvinas.

A última “pérola” desse colar militar é a base de Mariscal Estigarribia, um pequeno povoado de mil habitantes no Chaco paraguaio, perto da fronteira com a Bolívia. A base foi construída há vários anos, com infra-estrutura para 16 mil militares e um aeroporto com condições de operação de aeronaves que podem transportar grandes

contingentes de tropas e material bélico.

Segundo várias agências de imprensa, a base já estava funcionando de modo “semiclandestino” com 500 marines americanos. A novidade é que o Congresso Nacional aprovou este ano a Resolução 503, que autoriza o ingresso, permanência e livre trânsito de tropas americanas em território paraguaio, com “total imunidade” dentro do país. Por sua capacidade, essa base seria o mais importante enclave militar americano no Cone Sul, região que foi um dos epicentros dos processos revolucionários do continente e na qual, até agora, o imperialismo não contava com bases próprias. Temos que lutar para impedir isso!

### NOSSAS PROPOSTAS

A LIT-QI chama a mais ampla e unitária mobilização no dia 4 de novembro em Mar del Plata contra a presença de Bush. Um antecedente foi a marcha de 30 mil pessoas em outubro, nessa mesma cidade, durante o Encontro Nacional de Mulheres, que tinha como um de seus lemas o repúdio à visita do presidente americano. Mais do que nunca, gritemos Fora Bush da América Latina!

Chamamos também a continuar a luta contra o saque imperialista e as suas ferramentas econômicas e legais. Não ao pagamento da dívida externa! Ruptura imediata com o FMI! Não à Alca e aos TLCs! Nacionalização sem indenização dos hidrocarbonetos!

É imprescindível lutar também contra o dispositivo militar que o imperialismo e os governos nacionais estão montando para reprimir os povos latino-americanos. Fora as bases militares americanas da América Latina! Fora as tropas latino-americanas do Haiti! Não aos exercícios militares conjuntos!

Mas o imperialismo não poderia dominar o continente sem a ajuda dos seus “vasalos” como Uribe, Lagos, Lula, Kirchner etc, que asseguraram esse domínio. Não aos governos pró-imperialistas! Lutemos contra sua política de saque e entrega!

A luta de fundo deve ser pela expulsão definitiva do imperialismo do continente e pela construção de novos estados a serviço dos trabalhadores e povos. Pela segunda e definitiva independência! Por uma federação latino-americana de repúblicas socialistas!

17 DE OUTUBRO

## JORNADA INTERNACIONAL

No dia 17 de outubro, ocorreu a Jornada Internacional pela Nacionalização dos Hidrocarbonetos e Recursos Naturais e contra as privatizações, convocada pelo Encontro de La Paz, em agosto passado. Quando fechávamos esta edição, recebemos informes das seguintes atividades:

• **Bolívia** – Uma marcha saiu de El Alto em direção ao centro de La Paz, com cerca de 3 mil pessoas. Houve manifestações menores em Cochabamba e Sucre. Participaram a COB, a COD-La Paz, COR-El Alto, setores da FEJUVE, Federação de Mineiros, Associação de Familiares das Vítimas de Outubro de 2003, a UPEA, trabalhadores da UMSA e outros sindicatos. A única organização política presente foi o MST (LIT). Era o aniversário da queda de Lozada e da repressão que se seguiu a ela. Por isso, teve muito peso a exigência de julgamento e castigo a ele e seus ministros. Ao final, na Praça San Francisco, foi queimada uma bandeira americana.

• **Brasil** – Petroleiros fizeram uma paralisação de 24 horas contra a entrega de áreas de exploração a multinacionais e pela campanha salarial. A paralisação, convocada pela FUP, foi proposta do BASE (Bloco Alternativo Sindical de Esquerda), grupo da Conlutas, de oposição. A grande maioria das refinarias parou totalmente.

• **Equador** – Em Quito, ocorreu um Encontro na Casa de Cultura, com as bandeiras propostas pelo encontro da Bolívia. Nos dias 22, 23 e 24 de outubro aconteceu um Fórum Petrolero, com organizações sociais das províncias amazônicas de Sucumbios e Orellana.

• **Peru** – Em Lima, se fez um plantão diante do Congresso com a presença de organizações e dirigentes sindicais e populares (CGTP Lambayeque, FENTAP, Sindicato de Obreros Leche UPA, Frente de Defensa Chilca, Federación de Puellos Jóvenes Chimbote, PPJJ de Lambayeque, docentes universitários, SITRAMUN, El Sol Naciente de la Victoria, Despedidos Sedapal, Trabalhadores do Judiciário) e as organizações FIS, AIT, PT e PST (LIT). Posteriormente, se fez na sede da Federação Nacional de Água Potável (FENTAP) uma reunião. Foi enviada uma moção de apoio ao Congresso da FENTAP (que luta contra a privatização da água) e uma saudação à COB e à FSTMB bolivianas.

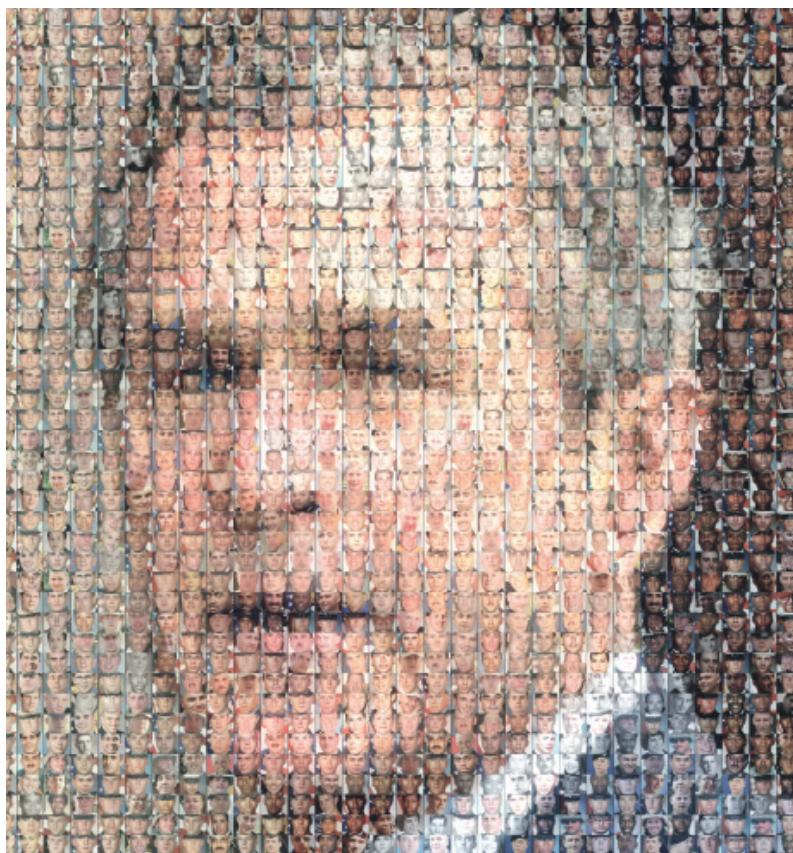
• **Venezuela** – Estavam programadas duas atividades. Uma em Porto La Cruz, convocada pela corrente sindical petrolera Opción Clasista, e outra na região das Sierras de Perija (estado Zulia) convocada pelos setores que estão lutando contra projetos mineiros da companhia do Vale do Rio Doce que vão prejudicar milhares de pequenos agricultores e o fornecimento de água à cidade de Maracaibo. Esses setores já haviam feito uma marcha a Caracas em abril, com cerca de 2 mil pessoas.

# BUSH SE ENFRAQUECE NO IRAQUE

Todos os fatos mostram que, apesar das bravatas, o poder de Bush está cada vez mais fraco. Ele usou a desculpa dos atentados de 11 de setembro para lançar uma ofensiva política e militar para ter um maior controle do mundo, expresso na invasão ao Afeganistão e ao Iraque. Ao mesmo tempo, nos EUA, tentou restringir as liberdades democráticas e intensificou os ataques à Previdência Social, saúde e educação públicas. Mas essa ofensiva vem fracassando.

No Iraque, a vitória militar inicial se transformou em um verdadeiro pântano, onde o imperialismo se afunda cada vez mais. A heróica resistência militar iraquiana é uma verdadeira guerra de libertação nacional contra os ocupantes. Apesar das tentativas de dividi-los, a luta expressa a unidade de fato entre sunitas e a maioria do povo xiita.

Essa luta questiona a ocupação imperialista e está levando ao fracasso os diversos planos de Bush para dominar o país. Primeiro, foi a tentativa de colocar governos encabeçados diretamente por agentes ou colaboradores da CIA, como Chalabi e Alawi. Depois, as fraudulentas eleições, que tentaram legalizar um governo apoiado na hierarquia religiosa xiita e na burguesia curda. Finalmente, o plano de dividir o país em regiões por influência étnica e religiosa (xiitas, sunitas



Retrato de Bush, formado por fotografias de soldados mortos no Iraque

e curdos), com a “nova constituição”, que, inclusive antes de ser votada, Condoleezza Rice anunciava a sua aprovação.

Diante dessa situação, as

tropas imperialistas utilizam métodos cada vez mais cruéis para manter a ocupação: ataques genocidas contra a população; detenções massivas, tor-

turas e assassinatos nas prisões e atentados camuflados contra populações civis, buscando acentuar os enfrentamentos inter-religiosos. Mas,

até agora, os ocupantes não conseguiram reverter a situação. Pelo contrário, enquanto a resistência cresce e recebe cada vez mais apoio, aumenta a crise das tropas ocupantes.

Por isso, Bush e o imperialismo americano estão em um verdadeiro pântano. Retirar-se agora significaria reconhecer uma grave derrota e ameaçaria seus planos de dominação na região, abrindo um gravíssimo precedente de impotência que estimularia a luta de todos os povos do mundo. Por outro lado, para avançar no controle do país, precisaria aumentar o atual contingente de 150 mil soldados para 500 mil, o que é totalmente impossível nas atuais condições políticas dentro dos EUA (*ver artigo*). Inclusive no Afeganistão, onde a situação parecia controlada, houve um recrudescimento das ações de uma resistência encabeçada pelos talebans.

O “fantasma do Vietnã” sobrevive ao Iraque e a cabeça de Bush. A resistência iraquiana se tornou uma referência para todos os lutadores do mundo ao mostrar que se pode enfrentar e golpear o “todo-poderoso” imperialismo americano. Sua possível vitória será também a nossa. Por isso, para todos os trabalhadores e povos do mundo é, ao mesmo tempo, uma necessidade e um dever apoiar a resistência iraquiana para que nesse país ocorra uma nova derrota do imperialismo.

## PROBLEMAS “EM CASA”

A difícil situação no Iraque incide cada vez mais nos EUA. O mais importante é o surgimento de um crescente movimento antiguerra que exige o retorno imediato das tropas. Com essa bandeira, mais de 150 mil pessoas se concentraram em Washington no dia 24 de setembro. Foi a maior mobilização dos últimos anos no país, muito maior que as da época do Vietnã, depois de transcorrido o mesmo tempo de guerra. Cindy Sheehan, mãe de um soldado morto no Iraque que acampou diante da fazenda de Bush, liderou a marcha e se transformou em uma figura de peso nacional.

O movimento cresce entre a juventude secundarista e universitária, com grupos que organizam piquetes contra os recrutadores militares que vão aos colégios e campus para con-

tratar novos soldados. Em alguns casos, ocorrem choques com a segurança privada das escolas, como aconteceu recentemente em Holyoke Community College, no estado de Massachussets.

Por outro lado, a dura greve de 18 mil trabalhadores da fábrica de aviões Boeing (exigindo aumento salarial, melhorias na aposentadoria e no seguro médico) terminou em vitória, o que pode ser o anúncio de um retorno da classe operária americana depois de vários anos sem lutas importantes.

Também começou uma crise “nas alturas”. O Senado, mesmo com maioria republicana e contra as ordens de Bush, votou por ampla maioria “restrições ao tratamento dado aos prisioneiros de guerra” (leia-se torturas). Essa votação pode não ter qualquer efeito

concreto, mas significa um forte revés para Bush. Além do mais, o ex-líder republicano da Câmara dos Deputados, Tom Delay, fiel aliado de Bush, é acusado de corrupção e fraude nos fundos eleitorais; enquanto o líder republicano do Senado, Bill Frist, está sendo investigado por manobras ilícitas com ações da Bolsa. Finalmente, o próprio Bush poderia ser atingido pela investigação sobre quem divulgou aos jornais o nome de uma agente da CIA (um grave delito nos EUA) para vingar-se de seu marido (um embaixador que revelou as mentiras de Bush em relação às armas nucleares supostamente fabricadas por Saddam e que justificaram a invasão ao Iraque). Essa investigação já atinge Karl Rove, principal assessor de Bush.

## O FURACÃO KATRINA

*Para aumentar os problemas de Bush, o furacão Katrina (que infelizmente custou muitas vidas e o sofrimento da população negra e pobre de Nova Orleans) mostrou que “o rel estava nua”. Com toda sua tecnologia, o país mais poderoso do mundo não pôde prevenir nem atenuar suas conseqüências. Pior. Sabia-se que o dique protetor da cidade não suportaria um furacão. Por que não fez os investimentos necessários para reforçá-lo? Depois da catástrofe, a ajuda tardou dias para chegar e muitos reclamaram que os aviões e helicópteros militares necessários “estavam no Iraque”. Quando a “ajuda militar” chegou, foi para reprimir os sofridos e famintos sobreviventes e não para aliviar suas penúrias. O racismo foi tão cla-*

*ro por parte do governo e dos soldados, majoritariamente brancos, que até a famosa apresentadora de TV Oprah Winfrey o denunciou indignada.*

*A atuação em relação ao Katrina só acentuou a queda no apoio a Bush (que já está abaixo de 40% da população e, entre os negros, chega a apenas 2%) e do respaldo à guerra no Iraque (que chega apenas a 35%). Podemos concluir que Bush está se enfraquecendo e é um bom momento para lutar contra ele. A segunda conclusão é que o melhor caminho para derrotá-lo é unir a luta dos povos latino-americanos e iraquianos com a dos trabalhadores e do povo americano, especialmente os setores mais explorados e oprimidos, os negros e os latinos.*